

ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA ESTUDANTES CEGOS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO OMNILATERAL

Figura 1 - Jogadores numa partida de futebol de cegos



Fonte: IBSA (2019).

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA COM OS DADOS FORNECIDOS PELO
AUTOR

R375 Reis Junior, Antônio Francisco

O ensino da educação física para estudantes cegos: contribuições para a formação omnilateral / Antônio Francisco Reis Junior; orientador Prof. Dr. Antonio Leonan Alves Ferreira -- Catu: IF Baiano, 2023.

13 p.

Produto Educacional (Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica) -- Instituto Federal Bahiano, 2023.

1. Formação de professores. 2. Formação omnilateral. 3. Educação Profissional e Tecnológica. I. Ferreira, Prof. Dr. Antonio Leonan Alves, orient. II. TÍTULO.

CDU 377

Carlos Alexandre de Oliveira e Oliveira CRB 5-1499

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como intuito trazer uma proposta de ensino para os estudantes cegos. Este material será desenvolvido em forma de e-book para ser compartilhado na plataforma CAPES, sendo um material de suporte para os docentes da Educação Básica e Profissional, a fim de colaborar com o ensino e desenvolvimento dos estudantes cegos. A necessidade desse material surge a partir da identificação de poucas produções que apontam uma discussão referente ao ensino da Educação Física e a formação omnilateral do estudante cego.

Ao longo do processo histórico, as pessoas com deficiência foram exterminadas, marginalizadas e entregues à mendicância pela sociedade, e com as pessoas cegas não foi diferente: sofreram diversos preconceitos para sobreviver e lutar por melhores condições de vida. Vigostki (2022) nos apresenta momentos históricos da pessoa cega: na Antiguidade e na Idade Média, a visão que se tinha em relação à cegueira estava relacionada ao místico, religioso. No século XVIII, surge a compreensão da teoria da substituição dos órgãos dos sentidos (outro órgão substitui a cegueira no cego), a concepção biológica ingênua. Na época moderna, a ciência intensifica os estudos para compreender a cegueira, a perspectiva da compensação e supercompensação no desenvolvimento do estudante cego.

Na compreensão do desenvolvimento do psiquismo do estudante cego, é necessário o entendimento de que, conforme Vigostki (2022), a criança que possui uma deficiência não é menos desenvolvida que uma criança sem deficiência, porém é necessário que essa criança possuidora da deficiência tenha métodos especiais para a efetivação do seu desenvolvimento, ou seja, essa criança necessita de formas diferenciadas para desenvolver sua aprendizagem, necessita de uma percepção que não seja apenas na deficiência desse estudante, mas sim nas suas capacidades, potencialidades desenvolvidas por meio da compensação e da supercompensação.

Com isso entende-se que o estudante cego tem necessidade de superação da sua deficiência, tem motivos para vencer as suas dificuldades e, para suprir esta necessidade, esse estudante precisa realizar ações e operações, sejam elas através da atividade de estudo do Braille, através do aprendizado de determinado instrumento musical, da escrita do seu nome, seja através da atividade de ensino de uma modalidade esportiva, para atingir o seu objetivo que é demonstrar suas potencialidades, superando o sentimento de

inferiorização que a sociedade acaba impondo, ou a sua própria família, com a superproteção condicionada a este estudante.

Segundo Tureck (2021), em determinados períodos históricos, existiam cegos que se destacavam em espaços específicos e suas capacidades envolviam toda a população da sua época, devido ao desenvolvimento de habilidades. Mediante circunstâncias da cegueira, foram poucos os que obtiveram destaque ao longo da história, sendo comum os cegos serem entregues às entidades que existiam em determinada época para internato, com o objetivo de desenvolver as atividades de estudo ou de aprender determinada profissão.

As instituições que foram criadas para os cegos tiveram a perspectiva de naturalização do ensino, ou seja, atender os interesses da classe dominante da época, o ensino terá a perspectiva tradicional e reprodutivista, sendo que aqueles que se destacam se tornam professores destas entidades, ou seja, ficam limitados ao ensino naquela entidade, não buscando alternativas no ensino superior. A criação de profissões específicas e manuais nestas entidades para as pessoas cegas visa manter o capital, a perspectiva era que aqueles que não se tornavam professores destas instituições deveriam se profissionalizar, ter uma ocupação, virar mão de obra para atender o mercado de trabalho. É perceptível que o desejo da classe dominante com a formação e profissionalização da pessoa cega possui um caráter assistencialista, visando manter a escolarização da classe dominada, porém sem o aprofundamento do saber sistematizado, sem o desejo da formação humana Omnilateral.

Silva (2014) nos indica três períodos históricos da educação do deficiente no Brasil, sendo que a primeira fase compreende o período do século XVI ao ano de 1930 e caracteriza-se pelas primeiras iniciativas de encaminhamento da questão, com algumas tentativas de institucionalização. A segunda fase da educação do deficiente no Brasil compreende o período de 1930 a 1973 e caracteriza-se pela maior participação da sociedade civil e política, com algumas tentativas de escolarização, principalmente em instituições especializadas de caráter filantrópico. A terceira fase da educação do deficiente no Brasil compreende o período de 1973 aos dias atuais e caracteriza-se pela institucionalização da educação especial no país com a criação de órgãos normativos em âmbito federal e estadual, bem como pela promoção de políticas sociais de equidade por parte desses organismos.

Para a compreensão dos leitores, o que seria esse processo de naturalização do ensino da Educação Física para os estudantes cegos? Seria uma concepção de ensino que

não busca a formação crítica do sujeito, uma formação monotécnica que visa apenas atender os interesses do capital, uma concepção de ensino que não busca desenvolver o senso crítico do estudante, visa apenas ao fazer, executar, treinar, adestrar na Educação Física, por isso, diante dessas informações, esta proposta tem uma perspectiva de combater esse processo de naturalização no ensino, com uma perspectiva que promova ao estudante cego uma formação humana oposta à formação unilateral provocada pelo trabalho alienado, pela divisão social do trabalho, pelas pedagogias do Aprender a Aprender, mais sim uma concepção que desenvolva um sujeito crítico que atue na sociedade de forma politizada e consciente de suas ações.

Diante disso, o desafio para o professor de Educação Física é combater o ensino nessa perspectiva de naturalização, presente no ambiente escolar, como também nas instituições para atendimento especializado com pessoas com deficiência, é superar essa concepção de ensino com uma visão monotécnica, só assim avançaremos o nosso debate contra as teorias hegemônicas que a cada dia que passa têm demarcado e ampliado o seu espaço na escola, sendo algo preocupante para aqueles que acreditam numa escola com uma formação do sujeito numa perspectiva Omnilateral e que atenda os interesses da classe trabalhadora.

Compreende-se que o estudo em discussão almeja o desenvolvimento de um estudante cego com uma formação Omnilateral. Percebendo essa formação como de suma importância para o seu desenvolvimento, enquanto um sujeito crítico que realiza sua análise da realidade e concretiza o seu aprofundamento da atividade intelectual, a partir do predomínio dos conteúdos clássicos em sua formação e tendo a escola como espaço para aquisição dos instrumentos que possibilitem o acesso ao saber sistematizado na formação do sujeito, iremos desenvolver essa proposta com a perspectiva de que o estudante no ensino da Educação Física adquira o autodomínio da corporalidade.

Dessa forma, a proposta de ensino apresentada visa à formação do estudante cego, não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também a formação completa da pessoa em todos os aspectos de sua vida, desenvolvendo o pensamento crítico, a criatividade, a resolução de problemas e a aquisição de conhecimento da corporalidade humana. Para Ferreira (2015) as atividades esportivas são, portanto, uma expressão universal do desenvolvimento histórico e social da corporalidade humana, a relação ativa e indireta entre o indivíduo e seu corpo, do indivíduo consigo mesmo e com outras pessoas produzidas na história da humanidade, portanto esta forma aspectos universais do desenvolvimento da corporalidade humana.

OBJETIVOS

Os objetivos da referida proposta são:

Combater os modelos de ensino da Educação Física construídos historicamente com proposições naturalizantes, a fim de não se perpetuarem enquanto modelo de ensino;

Promover o desenvolvimento do autodomínio da corporalidade nos estudantes cegos a partir da apropriação dos conteúdos clássicos da Educação Física, em especial o futebol/futebol de cegos, que tem como base “atividade esportiva”;

Discutir os aspectos históricos dessa atividade esportiva, sua origem, evolução e desenvolvimento, desde a sua criação com as primeiras regras, e como este esporte adaptado está constituído em sua estrutura na atualidade;

Possibilitar o aprendizado dos principais fundamentos dessa atividade esportiva, realizando atividades práticas, discutindo os papéis de cada jogador na equipe e observando a função do chamador, goleiro e técnico;

Refletir sobre a importância da comunicação na prática dessa atividade esportiva, durante as partidas, evitando determinados acidentes, além de observar os esquemas táticos das equipes e as jogadas que podem ser desenvolvidas durante uma partida dessa atividade esportiva;

Identificar as principais competições existentes deste esporte adaptado no Brasil, verificando as principais equipes que estão constituídas no território nacional.

CONTEÚDOS DE ENSINO

O ensino dos conteúdos da Educação Física para o estudante cego, numa perspectiva teórica da pedagogia histórico-crítica, nos ajuda a compreender que essa teoria defende a difusão de conteúdos clássicos produzidos pela humanidade como uma das principais tarefas do processo educativo em sentido amplo e das escolas em sentido específico.

De acordo com Duarte (2021), a escola é uma instituição cuja tarefa reside em fazer com que todos os indivíduos se apropriem dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos, como parte do processo da individualidade para si.

O futebol de cegos se apresenta enquanto conteúdo para o ensino com os estudantes cegos, pois foi uma prática construída historicamente pela humanidade para

atender uma necessidade em particular de um grupo específico, da prática esportiva dos estudantes numa instituição de ensino. Portanto indicamos os aprofundamentos no ensino deste conteúdo para os estudantes cegos.

Aspectos históricos dessa atividade esportiva, sua origem e desenvolvimento, as modificações que ocorrerão com esse esporte adaptado, analisando cada momento em determinado período histórico com um olhar crítico para a compreensão deste esporte em sua essência.

As regras que compõem esse esporte adaptado, a origem e evolução e a colaboração para o desenvolvimento desse esporte.

Os fundamentos dessa atividade esportiva que devem ser executados na prática: passe, domínio de bola condução de bola, drible e chute ao gol.

O papel desempenhado pelos jogadores da equipe, goleiro, técnico e chamador, todos que atuam diretamente e indiretamente, colaborando com essa prática esportiva.

O processo da comunicação entre os jogadores em quadra durante a partida para evitar acidentes.

As jogadas que podem ser desenvolvidas e executadas em determinadas partidas de futebol de cegos.

Os principais esquemas táticos utilizados pelas equipes de futebol de cegos nas competições oficiais.

As competições oficiais organizadas pela principal entidade que regulamenta a prática desse esporte adaptado no Brasil.

Dessa forma, o autodomínio da corporalidade humana passa a ser objeto de conhecimento e, portanto, objeto de estudo da prática pedagógica para estudantes cegos no ensino da Educação Física a partir da atividade esportiva. Ela deve subsidiar o aluno para compreender os elementos culturais que predominam na corporalidade do homem, que foram construídos historicamente a fim de desenvolver seu senso crítico. O ensino será conduzido por meio da transmissão de conceitos científicos, o que é um requisito para o desenvolvimento do autodomínio da corporalidade.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Saviani (2019) nos apresenta a proposta didático-metodológica para o ensino numa perspectiva histórico-crítica, a seguir apontaremos os principais aspectos que devem ser desenvolvidos numa aula de Educação Física com estudantes cegos, entendendo que essa concepção é um instrumento de transformação social, o autor divide em cinco momentos os procedimentos os quais o professor deve tomar na atividade de ensino.

O ponto de partida na atividade de ensino numa perspectiva histórico-crítica é a **prática social**, essa relação é comum entre professor e aluno. Saviani (2019) vai verificar que o professor tem uma “síntese precária”. Para entender esse ponto de partida, é necessária a compreensão de que o professor, por mais que ele tenha conhecimento e suas experiências acumuladas historicamente, na sua prática pedagógica a inserção de sua atividade de ensino com a prática social requer uma antecipação do que lhe será possível fazer com os alunos, cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, senão de forma precária. A compreensão dos alunos é sincrética, por mais conhecimentos e experiências que eles possuem, sua condição de aluno implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam.

Conforme Saviani (2019), o segundo momento do método é identificar os principais problemas observados na prática social, sendo denominado esse segundo momento de **problematização**. Neste segundo momento visa-se detectar as questões que precisam ser resolvidas no âmbito da prática social, quais conhecimentos são necessários dominar para a partir dessa análise iniciar o terceiro momento, que é a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. O terceiro momento é **a transmissão do conteúdo** pelo professor, é a instrumentalização da aula, a partir das análises construídas através da prática social e sua problematização.

O quarto momento é o da expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social que ascendeu, a efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social, chamado esse momento de **catarse**. O quinto momento é o ponto de chegada, sendo a própria **prática social** compreendida pelos alunos, não em termos sincréticos, mais sim no nível sintético, em que já se encontrava o professor no ponto de partida. Essa elevação do estudante ao nível do professor será essencial para a compreensão da especificidade da relação pedagógica.

Por isso, o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que os alunos possuem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto do professor (Saviani, 2019).

Essa perspectiva metodológica, apresentada por Saviani (2019), é que propomos para ser conduzida diante do ensino dos conteúdos da Educação Física para o estudante cego, pois essa teoria pedagógica nos possibilita a compreensão de uma visão da sociedade, da formação humana e da aplicação dos conteúdos no ambiente escolar, que visa ao combate à naturalização do ensino do estudante cego e ao desenvolvimento do autodomínio da corporalidade.

Sugestões de atividades para as aulas de Educação Física com os conteúdos propostos.

Para abordar a história do futebol para pessoas com deficiência visual, é recomendável que o professor ofereça à turma a oportunidade de se familiarizar com esse período histórico, abordando os eventos que permitiram a criação deste esporte adaptado, sua criação para atender às necessidades de um grupo específico, ou seja, as pessoas cegas suas adaptações ao longo do tempo e a vivência dos alunos com essa prática paradesportiva desde o início até o momento atual.

A discussão das regras do futebol de cegos pode ser conciliada com os aspectos históricos, pois as mudanças no processo de desenvolvimento desta modalidade paradesportiva foram para possibilitar uma segurança aos praticantes e, ao mesmo tempo, promover o esporte adaptado para a população que não conhecia o futebol de cegos.

Na aula cujo conteúdo será os fundamentos dessa modalidade paradesportiva, a experiência com os estudantes deverá ser realizada na quadra ou ginásio de esportes, com as adaptações necessárias para atender os estudantes com cegueira. Durante a prática é importante a realização das atividades em duplas ou trios para facilitar o entendimento e a colaboração nas atividades propostas. É importante que todos ouçam os comandos do professor, do goleiro e aquele que ficará como chamador, além de ouvir também as vozes dos participantes durante a atividade. É necessário que os estudantes videntes colaborem com o desenvolvimento das atividades e experimente dessa prática colocando as vendas a fim de se colocar no lugar do outro mediante as circunstâncias da aula.

Com desenvolvimento dos fundamentos do futebol de cegos pelos participantes, posteriormente o professor poderá aplicar, algumas atividades que possibilite a realização de jogadas ensaiadas e o conhecimento dos esquemas táticos do jogo, a fim de

conhecimento dos estudantes. Referente aos principais campeonatos, o docente poderá solicitar a leitura das partidas disponíveis em vídeo, a fim de que o estudante promova a sua análise dos jogos a partir do seu conhecimento da modalidade paradesportiva que foi proporcionado durante as aulas.

O docente poderá utilizar de vídeos com áudio descrição, leitura de textos para facilitar o entendimento dos estudantes e colaborar com a aprendizagem.

RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

Para a realização das aulas, do ensino do futebol de cegos, o material didático essencial é a bola de futebol de cegos, pois é uma bola especial, que vem com guizos dentro de sua estrutura, emitindo um som, sendo que os praticantes dessa atividade esportiva se orientam com o barulho da bola.

Figura 2 - Bola de Futebol para Pessoas Cegas



Fonte: Disponível em: <https://uinhub.com.br/shop/bola-cego-fut-5-adulto/>.
Acesso em: 11 out. 2023.

A sala de aula, a quadra ou ginásio de esportes são os locais onde se efetivará o ensino do estudante cego, lembrando que nestes espaços (quadra, ginásio), para a realização da prática é necessário o silêncio de todos os participantes para um bom andamento das atividades esportivas.

Podem-se utilizar alguns recursos tecnológicos para facilitar a compreensão das atividades de ensino, utilizando vídeos, mas lembrando da importância de um áudio descritor no planejamento dessas atividades.

O professor poderá desenvolver, para o aprendizado da quadra de jogo, a utilização de alguns materiais específicos, tipo isopor, cola, tinta para a construção da

quadra de jogo em alto-relevo, para que o estudante, utilizando a percepção tátil, identifique as principais demarcações da quadra de jogo.

Figura 3 - Foto com uma quadra de futebol de cegos



Fonte: IBSA (2019).

Para o desenvolvimento das atividades de ensino, é importante que todos os estudantes utilizem as vendas de modo que todos fiquem em condições de igualdade na realização das atividades esportivas.

Figura 4 - Imagem de uma atleta com uma proteção ocular (“vendas”)



Fonte: IBSA(2019)

AVALIAÇÃO

A avaliação bem conduzida ajuda a ensinar melhor, pois reorienta as ações do professor na árdua, porém nobre tarefa de propiciar ao aluno ascender do concreto ao abstrato e retornar ao “concreto pensado”, ampliando cada vez mais o seu desenvolvimento afetivo-cognitivo (Magalhães; Marsiglia, 2017).

Segundo Magalhães e Marsiglia (2017), devemos planejar situações nas quais possamos avaliar o que o aluno está aprendendo e assim replanejar as ações, seja para potencializar ainda mais o que estamos ensinando, seja para buscar outras estratégias mais adequadas às proposições do ensino. A avaliação deve deflagrar um processo **qualitativo**

das práticas pedagógicas, que dialeticamente observa os resultados e orienta novos encaminhamentos.

Entendendo como um processo contínuo de ensino e aprendizagem, estaremos observando a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, analisando a participação e o envolvimento dos alunos durante as aulas, o seu desenvolvimento nas atividades propostas, nas discussões apresentadas, utilizando como instrumento de avaliação: apresentação de seminários, debates, pesquisas, relatórios, experiências corporais e autoavaliação.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

FERREIRA, Antonio Leonan Alves. **A atividade de ensino na Educação Física: a dialética entre conteúdo e forma**. 258 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2015.

MAGALHÃES, G. M.; MARSIGLIA, A. C. G. Avaliação na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, n. 15, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v0i15.9354. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9354>. Acesso em: 14 out. 2023.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica, quadragésimo ano: novas aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2019. 346 p.

SILVA, R. H. dos R. Contribuições da pedagogia histórico-crítica para a educação especial brasileira. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 14, n. 58, p. 78-89, 2015. DOI: 10.20396/rho.v14i58.8640380. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640380>. Acesso em: 11 ago. 2023.

TURECK, Lucia Terezinha Zanato. **Deficiência, educação e possibilidades de sucesso escolar: um estudo de alunos com deficiência visual**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

PFISTERER, Ulrich; PUGH, Jonathan. **Manual de Treino de Futebol para Cegos IBSA**. Um Guia para Principiantes. Tradução e adaptação ANDDVIS. 2019. Disponível em: <https://blindfootball.sport/wp-content/uploads/2021/04/Manual-de-Treino-de-Futebol-para-Cegos-Um-Guia-para-Principiantes-versao-portuguesa.pdf>. Acesso em: 12. out. 2023.

VIGOTSKI, Lev, S. **Obras completas-Tomo cinco**. Fundamentos de Defectologia. Tradução Programa de Ações Relativas as Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2022. 488 p. em [:https://editora.unioeste.br/index.php?route=product/product&product_id=186](https://editora.unioeste.br/index.php?route=product/product&product_id=186) Acesso em 15 ago.2023.